

Proletários de todos os Países: UNI-VOS!



O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P. C. P.

CONTRA A OFENSIVA POLICIAL FASCISTA

Estudando a situação nacional e internacional, a direcção do Partido tinha previsto a aproximação duma ofensiva contra o Partido e tomado medidas para o fortalecimento do trabalho partidário com vistas a defrontar essa ofensiva. A violenta ofensiva prevista foi desencadeada. A policia fascista atagiu, além de organizações locais, alguns funcionários do Partido, entre os quais o camarada FRANCISCO MIGUEL, membro do Comité Central.

Ainda que os golpes sofridos digam respeito até hoje a duas regiões, a policia não deixará de procurar aproveitar os êxitos obtidos para DESENCADEAR UMA OFENSIVA GERAL, À ESCALA NACIONAL, CONTRA O PARTIDO e particularmente contra os seus membros de direcção.

Essa ofensiva geral contra o Partido é hoje uma necessidade do Governo, sobretudo tendo em conta a sua incapacidade para nos atingir durante as últimas grandes lutas de massas (greve de Lisboa) e tendo em conta o fracasso dos seus esforços para isolar o Partido Comunista, dividir as forças democráticas para mais facilmente as aniquilar e criar uma opposição inofensiva que participe dócilmente numa próxima manobra eleitoral.

Esta situação impõe medidas urgentes para assegurar a defesa das organizações e dos quadros.

1— NOS SECTORES ONDE SE EFECTUARAM PRISÕES E QUE ESTÃO DEBAIXO DA OFENSIVA POLICIAL, todos os escalões do Partido devem reunir (com os cuidados especiais que a situação requer) afim de discutirem a situação conspirativa e tomarem resoluções correspondentes. Ainda que se devam ter em conta as condições particulares em cada caso, algumas medidas gerais são de eucarar obrigatoriamente:

a) «Limpar» imediatamente as casas dos camaradas responsáveis (dos Comités Provinciais, Regionais, Sub-Regionais, de Zona, Locais, etc.) de materiais ilegais, apontamentos comprometedores, etc.

b) Substituir (ainda que temporariamente) nos organismos de direcção (provincial, regional, local, etc.) os camaradas que possam estar localizados pela policia.

c) Tornar os encontros e reuniões mais espaçados, havendo entretanto o cuidado de assegurar todas as ligações; isto só não deve ser feito em relação àqueles sectores em que uma simples ligação represente um perigo.

d) Analisar a forma como está a ser feita a distribuição da imprensa e, onde quer que essa distribuição esteja a ser feita de forma inconveniente ou haja perigos iminentes de prisões, diminuir o número de exemplares a distribuir ou cortar mesmo temporariamente toda a imprensa.

2— EM TODAS AS ORGANIZAÇÕES DO PARTIDO, MESMO NAQUELAS QUE NÃO ESTEJAM DEBAIXO DE OFENSIVA POLICIAL, a situação conspirativa deve ser discutida em primeiro lugar em todas as reuniões, e devem adoptar-se medidas correspondentes ainda que, neste momento, não se trate de efectuar um recuo em todo o trabalho partidário à escala nacional. Esse recuo é apenas de aconselhar nos sectores atingidos pela ofensiva do inimigo ou em perigo de serem mais directamente atingidos.

Nos outros sectores deve, porém, estudar-se atentamente a situação, e as medidas atrás apontadas devem ser applicadas sem hesitação, caso a situação o exija.

3— Em todo o Partido há que estabelecer rapidamente de uma forma decisiva UMA DISCIPLINA DE FERRO EM MATÉRIA CONSPIRATIVA. Na presente ofensiva uma vez mais se verifica que alguns (se não todos) os êxitos da policia fascista resultam do não cumprimento por parte de alguns

camaradas das resoluções anteriormente tomadas, incluindo medidas expressamente encaradas em relação ao trabalho desses camaradas.

Numa circular aos quadros responsáveis, o Secretariado do Partido considera muito justamente que, na presente situação, o não cumprimento das regras conspirativas e das resoluções tomadas é UM VERDADEIRO CRIME CONTRA O PARTIDO e como tal deve ser tratado.

Nestas condições, a todos aqueles que não cumprem o que foi ou for estabelecido em relação ao trabalho conspirativo, devem ser aplicadas SANÇÕES DISCIPLINARES, tanto mais agravadas quanto mais forte for a ofensiva policial, quanto mais grave for a infracção e mais elevado for o escalão a que o camarada pertence.

4— A situação e a actividade dos FUNCIONÁRIOS DO PARTIDO requer uma atenção especial. Por um lado os funcionários do Partido e suas casas são, um dos objectivos fundamentais da presente ofensiva policial; por outro lado, cabe numa parte decisiva aos funcionários do Partido orientar e ajudar todas as organizações do Partido à escala nacional a discutirem a situação conspirativa e a tomarem as medidas correspondentes.

Isto exige dos funcionários do Partido um extremo rigor nos seus processos de trabalho conspirativo e no cumprimento das medidas de defesa estabelecidas com os escalões superiores. E exige também espírito de iniciativa e de sacrifício, carinho pelas organizações e pelos quadros sob o seu controle, ideia da responsabilidade que lhes cabe na sua própria defesa pessoal, bem como na defesa dos sectores que lhes estão confiados.

Na situação presente, o trabalho conspirativo deve ser a preocupação fundamental de todas as organizações do Partido. Se todas as organizações assim o encararem, estancaremos prontamente a ofensiva policial.

AS VANTAGENS DAS PRAÇAS DE JORNAS

para a união dos trabalhadores rurais

No Ribatejo e algumas regiões do Alentejo, dá-se o nome de «praça de jornas» ao ajuntamento que os trabalhadores assalariados do campo costumam fazer em certo dia da semana e onde os proprietários ou os seus delegados (os capatazes) lhes vão oferecer trabalho e salário. Ai é feito o contrato entre os trabalhadores e os proprietários.

Numa grande parte das regiões agrícolas do país (Beiras, Douro, Minho, Trás-Os-Montes, etc.) não se realizam praças de jornas e o contrato é feito individualmente entre trabalhador e proprietário.

Há, pois, que ver se a praça de jornas é ou não vantajosa, se se deve ou não lutar, nas regiões onde elas não existem, para que sejam criadas.

No Ribatejo e algumas regiões do Alentejo, os trabalhadores souberam utilizar as praças de jornas para defesa dos seus direitos, estabelecendo de comum acordo a jorna a exigir dos proprietários e resistindo unidos na praça às tentativas do patronato fascista para lhes pagar jornas de fome. Sob a direcção do Partido, os camponeses ribatejanos, e depois os alentejanos, organizaram a sua luta nas praças de jornas, formando as suas Comis-

sões de Praça, que (tal como as Comissões de Unidade nas fábricas) passaram a ajustar com os patrões, em nome de todos os trabalhadores, os salários, a hora da ferra e da desferra, a hora da sesta, o dia da praça, etc..

Desta forma, a justa utilização das praças de jornas para a unidade e a luta dos camponeses, permitiu que as massas camponesas melhorassem em inúmeros casos as suas condições de vida.

As experiências e as vitórias dos assalariados rurais do Ribatejo constituíram e constituem um valiosíssimo exemplo para todos os camponeses assalariados do país. Seguindo as primeiras experiências de luta nas praças de jornas, em muitas localidades onde não havia «praça», os camponeses uniram-se e exigiram a criação da «praça», conseguindo em alguns casos este objectivo. Uma vez criada a «praça», passaram a defender aí os seus interesses.

A experiência mostra que as «praças de jornas» oferecem grandes vantagens ao trabalhador rural em comparação com o contrato individual entre trabalhador e patrão, em que o trabalhador, isolado, separado dos seus camaradas, mais facilmente aceita

condições miseráveis e jornadas de fome, e com mais dificuldade luta contra todas as formas de exploração.

As «praças de jornadas» são, assim, quando justamente utilizadas, não só um elemento útil para a defesa de melhores jornadas e melhores condições de trabalho como também um instrumento da Unidade dos camponeses assalariados.

Por tudo isto, impõe-se que todas as

organizações do Partido compostas por camponeses ou que com eles estão em contacto, particularmente nas regiões onde não há «praças de jornadas», estudem a forma de lutar para o estabelecimento de «praças de jornadas» e para que aí, com as suas Comissões de Praça à frente, os camponeses assalariados possam conseguir obter melhores jornadas e melhores condições de trabalho.

Mais auxílio partidário AO MOVIMENTO DE UNIDADE NACIONAL

Detendo-nos um pouco no caminho percorrido e nos resultados obtidos no terreno da Unidade Nacional Anti-Fascista, é justo acentuar que importantes passos foram dados. Devido ao esforço e unidade de milhares de democratas, à sua luta tenaz pela liberdade, o fascismo salazarista encontra cada vez mais dificuldades para permanecer no poder e tem visto quebradas todas as tentativas para isolar o nosso Partido das restantes forças democráticas e para liquidar o Movimento de Unidade Nacional.

É justo salientar que não foi sem uma acertada compreensão e denodado sacrifício das organizações e militantes do Partido que se alcançaram tantos êxitos na organização e luta do nosso povo dentro do âmbito da Unidade Nacional. Mas pergunta-se: Significa isso que não haja deficiências e incompreensões por parte de algumas organizações e militantes no que se refere à necessidade de uma melhor organização da Unidade Nacional e ao que esta representa como ARMA FUNDAMENTAL NA MOBILIZAÇÃO DO POVO NA LUTA PELAS SUAS MAIS ELEMENTARES CONQUISTAS ECONÓMICAS E POLÍTICAS? Não. Grandes deficiências e incompreensões subsistem ainda neste terreno e elas podem tornar-se um travão ao progresso do Movimento de Unidade Nacional, uma vez que não encontrem por diante uma crítica sistemática e que não sejam estudados e levados à prática remédios correspondentes.

Há organismos do Partido em que se continua a constatar como ponto fraco da sua actividade a inexistência, quase se pode dizer, de uma actividade de Unidade Nacional. Organizações e militantes há ainda que deixam passar reuniões e reuniões sem que

este problema seja sequer ventilado, ou então de tal forma o fazem que os resultados práticos e imediatos são totalmente ou em grande parte nulos. Tais militantes permanecem agarrados a métodos atrasados e sectários. Não têm em conta a evolução da situação nacional e internacional. Não reparam na diferença existente entre as tarefas de hoje e as de alguns anos atrás. Discutem sempre ideias gerais sem terem em conta as tarefas concretas e fundamentais que, em cada momento, se colocam ante as organizações do Partido e do MUNAF (Movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista). E, desta forma, as organizações do Partido e do MUNAF não têm vida política, não acompanham com a sua acção o evoluir da situação nacional, não definem perante as massas anti-fascistas as tarefas que se lhes colocam em cada momento, não discutem os problemas políticos fundamentais e não estabelecem consignas apropriadas com a situação.

De tudo isto resulta que as organizações do Partido não auxiliam devidamente o MUNAF e que os Comitês de Unidade Nacional se tornam por vezes organismos mortos que, por vezes, chegam a desagregar-se completamente.

Não há muito, alguns camaradas expressavam a ideia de que «o interessante para o Partido e as massas eram outras coisas e não a Unidade Nacional». Por outro lado, sucede ainda, ao proceder-se à formação ou remodelação de Comitês de Unidade Nacional, mandarem-se para aí camaradas com reduzidíssimas possibilidades políticas e de acção prática. Tal o caso passado em determinado sector do Partido em que se enviou para um Comité de Unidade Nacional um camarada, pela razão de ter provado mal e «não ter con-



dições para realizar quaisquer outras tarefas».

Há quem alegue que as deficiências apontadas provêm também da falta de actividade do Conselho Nacional, na sua falta de assistência às organizações constituídas, na ausência da sua imprensa. Isso é realmente justo, e para o remediar impõem-se medidas urgentes. Entretanto, é às organizações do Partido que compete encabeçar a acção necessária para remediar as deficiências existentes, impulsionando cada vez mais o MUNAF e não permanecendo à espera do que há-de vir de cima. Para corrigir deficiências e incompreensões é preciso que:

1.º — Todas as organizações do Partido nas suas reuniões discutam o problema da U. N. sob todos os aspectos fundamentais e sob o ponto de vista de resoluções práticas de harmonia com as condições concretas e necessidades no seu sector de actividade.

2.º — Todas as organizações do Partido actuem de forma a serem constituídos novos organismos de U. N. e a remodelarem-se os existentes, dentro do mais perfeito espírito de Unidade e compreensão.

3.º — Todas as organizações do Partido actuem no sentido de que, uma vez formados os novos organismos, e aperfeiçoados os existentes, se estabeleçam tarefas, concretas e de possível realização, afim de que estes organismos, pela sua própria acção, pela sua própria experiência, se sintam estimulados e adquiram a confiança na sua

capacidade de luta e êxito, tornando-os cada vez mais crentes na real importância do Movimento de Unidade Nacional.

4.º — Todas as organizações do Partido destaquem para os Comités de Unidade Nacional dos melhores militantes, dos mais prestigiados e ligados às massas, com treino, com prática de organização e luta diária. Uma vez ali, os militantes do Partido devem aparecer com iniciativas, dando provas de bom método de trabalho, fomentando a discussão sobre os problemas fundamentais da Unidade Nacional, apontando o caminho a trilhar em cada situação dada.

5.º — Todas as organizações do Partido, ao formarem-se novos organismos de U. N. e remodelados outros já existentes, devem agir no sentido de manter contacto permanente com eles, assistindo-os por todos os meios ao seu alcance com o fim de que não fiquem desamparados.

No aspecto da agitação e propaganda, devem também as organizações do Partido agir de forma a que os Comités de U. N. discutam e se ponham de acordo em melhorar as publicações regionais existentes e criar outras, abordando sempre e em primeiro lugar todos os problemas mais imediatos, mais estreitamente ligados à vida e aspirações e luta do povo.

Tais são algumas das tarefas fundamentais que se colocam ante todas as organizações do Partido em relação ao MUNAF.

PARA O REFORÇO DA UNIDADE DO PARTIDO

O nosso Partido não se poderia ter engrandecido, não poderia ter conduzido as massas populares na luta contra a exploração salazarista, não poderia ter sido o pioneiro e o melhor obreiro da Unidade Nacional, se tivesse conservado nas suas fileiras os José de Sousa, Vascos de Carvalho, Cansados, Grilos, Magalhães e C.^ª. Se o Partido conseguiu forjar dentro das suas fileiras uma unidade jamais vista — unidade essa que tem sido o maior factor das suas vitórias — isso deve-se a que soube livrar-se da escória de oportunistas, divisores, cisionistas, indisciplinados e provocadores. A unidade do Partido é uma condição fundamental para o triunfo da causa a que o Partido se entregou.

Daqui resulta a obrigação de todos os militantes estarem vigilantes contra tudo o que possa enfraquecer a uni-

dade do Partido. Alguns aspectos que-remos considerar.

O conhecimento e aceitação da linha política do Partido é uma base indispensável da unidade do Partido. Sendo assim, o incorrecto conhecimento da linha política do Partido converte-se, na prática, no enfraquecimento da unidade do Partido. Isto exige o estudo atento por todos os camaradas dos materiais do Partido, a sua discussão obrigatória em todos os escalões do Partido e a determinação das tarefas concretas correspondentes a cada palavra de ordem central.

A crítica e auto-crítica é uma das melhores armas para a correcção dos erros cometidos, para o aperfeiçoamento dos métodos de actuação e para o estabelecimento duma táctica justa. Mas a crítica demolidora, a crítica injusta, a crítica sistemática a tudo e a todos,

a crítica pedante, nada tem que ver com a crítica comunista e só serve para enfraquecer a unidade de pensamento e de acção do Partido. Por isso tal crítica deve ser completamente banida das nossas fileiras, ao mesmo tempo que deve ser estimulada a crítica construtiva.

A unidade do Partido não é apenas uma unidade de pensamento mas também uma unidade de acção. Assim, a resistência passiva ao cumprimento das resoluções e das directrizes do Partido, a inércia, a indisciplina, são factores que enfraquecem a unidade do Partido. Daqui a necessidade de se

lutar para que todos os escalões apliquem com prontidão na prática a orientação do Partido e para que se robusteça a disciplina em todo o Partido.

Teremos fileiras em volta do Comité Central do Partido, varrendo do Partido todas as influências derrotistas e todas as concepções estranhas ao proletariado e ao seu partido de classe.

Defendamos a unidade do Partido, lembrando-nos daquele que até a morte lutou com firmeza contra os inimigos da unidade do Partido — o nosso saudoso Secretário Geral, Bento Gonçalves.

QUESTÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS

Para saber dirigir com acerto é necessário saber prever a marcha dos acontecimentos, dando ao mesmo tempo conta dos resultados do trabalho que vamos empreendendo.

Nós, os comunistas, não nos podemos limitar ao dia de hoje — disse Stáline — devemos pensar no dia de amanhã, no futuro próximo. Isto quer dizer que é necessário analisar os acontecimentos presentes para daí adivinhar os acontecimentos futuros. Com esta previsão nós aumentamos as nossas possibilidades para enfrentar as novas circunstâncias que dia a dia se nos deparam, podendo utilizá-las melhor a nosso favor.

Dentro deste princípio — que é o da ciência marxista-leninista — qual será o resultado prático das medidas ultimamente tomadas pelo salazarismo para a resolução dos problemas do abastecimento e baixa no custo de vida? Teremos os problemas do abastecimento resolvidos a bem do povo e da economia do país? Teremos uma baixa no custo da vida que estabeleça — pelo menos — uma relação proporcional entre os salários e o custo de vida anterior à guerra? Se analisarmos (e não será necessário muito profundamente) as medidas tomadas pelo salazarismo, verificamos logo que não; que os problemas do abastecimento não serão resolvidos com essas medidas e que o custo da vida não terá essa baixa sensível que proporcione ao povo português uma vida melhor, particularmente aos que vivem do seu salário ou ordenado.

Para se conseguir melhor abastecimento da população e um barateamento real no custo da vida, será necessário, primeiro que tudo, uma maior produ-

ção de riqueza. Sem produzir mais e em melhores condições, nunca se poderá esperar uma melhoria real da vida da população laboriosa.

Ora, as medidas que o salazarismo vem pondo em prática não conduzem a uma política de maior e melhor produção. Senão vejamos. Na agricultura, o salazarismo não empreendeu qualquer reforma importante no sentido de uma melhor distribuição e aproveitamento da terra que levasse a uma intensificação e produção crescente dos produtos agrícolas, que contribuisse para o seu barateamento pela maior abundância e aumentasse o poder de compra das massas; pelo contrário, passou à intensificação crescente da importação desses mesmos produtos como forma de solução do problema, o que só o poderá resolver temporariamente, porque a economia do país não poderá resistir a essa política de importações.

Na indústria também não se fez qualquer esforço sério para renovar, aumentar e melhorar o nosso equipamento industrial de forma a apetrechá-la para enfrentar — terminada a guerra — a concorrência das indústrias estrangeiras congêneres. A intensa actividade que se tem notado em vários ramos da indústria nacional (conservas, têxtil, construções navais, etc.) é fictícia; é resultante dum período afortunado originado pela guerra e não do próprio desenvolvimento progressivo do país. Os mercados externos, que até aqui têm estado abertos para a colocação duma grande parte dos produtos da nossa indústria, cada vez se fecharão mais à medida que a situação se vá normalizando nos outros países. Por sua vez, o mercado interno não



absorverá essa produção existente, devido ao estado de miséria em que se encontra a maioria do nosso povo. Com tais condições, a maior parte da indústria nacional está sujeita, num futuro que não está longe, a entrar num período de crise aguda. Esta crise, além de vir atirar com muitos milhares de trabalhadores para o desemprego, terá os seus reflexos em toda a vida económica e política do país. Citamos apenas estes factores visto não dispormos de espaço para nos alongarmos noutras considerações, mas cremos que serão o suficiente para fazer compreender aos nossos leitores o que pretendemos demonstrar.

As massas trabalhadoras não podem manter, portanto, qualquer ilusão sobre as medidas tomadas pelo salazarismo para solução dos seus problemas prementes, entre os quais, presentemente, sobressaem o do abastecimento e a baixa do custo da vida. Estes problemas estão longe de estar resolvidos ou em via de solução, como ele pretende fazer crer. A baixa relativa e a melhoria observada no abastecimento de alguns géneros são momentâneas porque não partem duma base sólida que seria uma maior produção originada pelo maior desenvolvimento progressivo da economia do país. Com tais perspectivas, a situação económica da maioria do povo português, dentro do regime salazarista, não melhorará. Pelo contrário, tudo indica que o mal se prolongará com tendência a agravar-se. Perante esta realidade, qual deve ser a posição dos comunistas, ou de todo o elemento consciente — a de ficar na expectativa aguardando os resultados das medidas últimamente postas em prática pelo salazarismo, ou desde já esclarecer as massas mostrando-lhes que esses problemas não serão resolvidos por tais processos? O papel dos comunistas e de todos que defendem os interesses do povo será o de esclarecer as massas de forma a combater toda a ilusão que essas medidas possam ter originado e indicar às massas a via pela qual esses problemas poderão ser solucionados.

O que é que a experiência destes últimos tempos nos tem demonstrado? Que o salazarismo só tomou medidas para aumentar os salários e melhorar o abastecimento forçado pela pressão das massas. Os primeiros aumentos nos salários só são feitos depois das greves dos operários da Covilhã em fins de 1941 e dos operários de Lisboa em 1942. O racionamento, tabela-

mento e melhoria momentânea do abastecimento devem-se às lutas do povo desencadeadas por todo o país, particularmente às greves dos operários da região de Lisboa em 1943 e 1944. As últimas medidas tomadas devem-se ainda, em grande parte, ao último movimento dos trabalhadores desta região (Abril de 1947).

A luta foi, por conseguinte, a forma pela qual o povo forçou o salazarismo a ceder nalguns pontos. Isto quer dizer que só o fortalecimento e intensificação dessa luta poderá levar o povo à conquista da restante.

Mas não basta prever ou assinalar os acontecimentos. É necessário procurar as formas de alcançar pela acção os objectivos que pretendemos. E neste caso só um poderoso trabalho organizativo e político entre as grandes massas nos poderá levar à conquista das perspectivas previstas. Temos de fazer compreender às massas que o salazarismo é incapaz de resolver os seus problemas. Que só uma democracia de tipo novo — nascida da aliança de todas as forças que são prejudicadas e ameaçadas por ele — poderá resolver os problemas nacionais.

É a classe operária, como força mais combativa, mais decidida e mais conseqüente, que competirá trabalhar para a constituição dessa grande aliança. A classe operária, como força mais progressiva, melhor organizada e temperada nas lutas (e por isso com mais experiência) é que deve saber conduzir o povo à sua completa libertação do salazarismo. Aos comunistas compete no presente momento, por conseguinte, saber incutir ao grosso do proletariado a sua verdadeira e importante missão como força dirigente nas lutas do povo, que ele não limite a sua acção apenas às suas lutas mas sim que as saiba enquadrar no curso do desenvolvimento de todas as lutas do povo encaminhando-as para uma etapa superior.

Esta etapa superior será a compreensão da grande parte do povo de que os problemas nacionais não serão resolvidos pelo regime salazarista e que, por isso, se impõe a sua substituição por um outro capaz de os solucionar. Nas lutas contra o salazarismo por maiores salários, mais géneros, pela baixa do custo da vida, etc., os comunistas nunca deverão perder de vista, portanto, o objectivo fundamental, a aliança da grande maioria do povo na luta para o derrubamento do salazarismo.